

FHC CONTRA 3º TURNO

São Paulo — Derrotado na eleição presidencial, o PSDB precisará dedicar-se a uma terapia coletiva para decidir os rumos do partido na oposição ao segundo governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Além de estar dividido sobre as idéias partidárias, a legenda sai fraturada em pelo menos três visões sobre a estratégia para os próximos quatro anos. Se depender do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o partido adotará uma linha bem ao estilo tucano: nem tão raivoso que sugira golpe nem tão manso que aponte para um acordo político. “Terceiro turno é coisa de golpista, não é nada disso”, avisou ontem, pouco depois de acompanhar o presidente tucano Geraldo Alckmin na votação no Colégio Santo Américo, no bairro do Morumbi. “Se o presidente propuser o que for

bom para o Brasil nós sempre apoiamos. Agora se for propor aquela coisa de sempre, faz que vai mas não vai, vai levar pau.”

Fernando Henrique ocupa a coluna do meio na intrincada disputa interna tucana. O presidente do PSDB, Tasso Jereissati (CE), segue em sintonia fina com o PFL, que cobra uma postura raivosa contra Lula. Do outro lado estão os governadores eleitos de São Paulo, José Serra, e de Minas Gerais, Aécio Neves, que serão obrigados, até pelas circunstâncias do cargo, a manter uma relação institucional com o governo federal.

As declarações de Fernando Henrique são uma tentativa de influir nesse caminho, ainda não definido pelo PSDB. Desde que divulgou uma carta aos tucanos, no primeiro turno, com críticas à forma como o partido se comportou no escândalo do mensalão, FHC deixou claro que pretendia influir nos destinos da legenda. Durante a campanha, com declarações fortes, chegou até, em alguns momentos, a ofuscar o desempenho de Alckmin. Há quem diga que a intenção do ex-presidente é deixar o posto de presidente de honra para

tornar-se dirigente de fato, apesar de resistências internas à idéia.

Além de divergências quanto ao comportamento a ser adotado em relação com o governo Lula, os tucanos também não se entendem sobre os rumos que o PSDB deve adotar para se transformar em uma opção concreta de poder em 2010. Como a legenda penou sem conseguir impor-se no Norte e Nordeste, uma corrente defende a idéia da popularização da sigla, para ampliar sua participação na sociedade. “Ou o PSDB se organiza como um partido de massas ou vai ser sempre o partido com grandes idéias, mas que sempre fica faltando alguma coisa”, defende o deputado federal eleito José Aparecido (SP). Há críticas à postura “elitista”, que teria sido aprofundada com a campanha produzida pelo PT no segundo turno, de divisão entre ricos e pobres. Há outros, porém, que acreditam que o PSDB deve se manter no mesmo rumo e consolidar sua posição entre a classe média. “É importante fazer uma revisão programática. O PSDB tem uma enorme avenida em setores de classe média da sociedade”, argumenta o deputado Arnaldo Madeira (SP). (HB)